

FRANCISCO ALVIM, UMA HOMENAGEM

TRIBUTE TO FRANCISCO ALVIM

Eleonora Ziller Camenietzki*

RESUMO

O texto, em formato de homenagem, revisita alguns temas e poemas da obra do poeta brasileiro Francisco Alvim.

PALAVRAS-CHAVE: poesia brasileira; Francisco Alvim.

ABSTRACT: The text, in a format of homage, revisits some themes and poems of the work of the Brazilian poet Francisco Alvim.

KEYWORDS: Brazilian poetry; Francisco Alvim

*É pelo ouvido que o país entra
a cor ou a ausência da cor
o cheiro a ausência do cheiro
o gosto a ausência do gosto
o tato a ausência do tato*

*Ou melhor pela linguagem
pois o país
não é de carne
é de conceito*

Francisco Alvim

Em agosto de 2017, o grupo de pesquisa Literatura e Modernidade Periférica da UnB deu forma a um desejo de muitos de nós: homenagear Antonio Candido, Roberto Schwarz e Francisco Alvim. O título que deu nome ao evento apresenta o propósito do grupo: homenagem ímpar. Ímpar porque são três homenageados, porque formam uma constelação única que reúne um alto grau de excelência crítica e poética de nomes que influenciaram fortemente uma vasta geração, seja de estudiosos ou apenas leitores atentos da tradição brasileira. Mas ímpar também porque foi às vésperas do centenário de Antonio Candido, e dos oitenta anos de Schwarz e Alvim. Em tempos de grave retrocesso e pouca inteligência nacional, mais que uma homenagem acadêmica, realizaram um verdadeiro ato de resistência e de coragem política. Por dois dias pudemos conversar, refletir e pensar juntos. Uma certa tristeza no ar, pois havia poucos meses que perdêramos Antonio Candido, que se foi antes mesmo de completar 99 anos. É difícil dizer que fomos surpreendidos por sua morte, mas o frescor de suas palavras, a generosidade de sua escuta e a gentileza de seus atos deixavam-no eternamente jovem. A sua participação imprescindível na vida intelectual brasileira nos levava a crer que jamais sairia de cena. Mas, sabemos todos que sua

* Professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro

obra permanece, que seu exemplo frutificará ainda por muitos anos, e que devemos celebrar sua longa, produtiva e coerente trajetória. Por isso, era uma certa tristeza, não completa, porque a dividíamos com a felicidade de tê-lo conhecido.

O texto que apresentei nesse encontro era um resumo do que havia escrito já há algum tempo sobre a poesia de Francisco Alvim. Foram dois dias de uma possibilidade rara de conversa, e convívio. Ao final do evento, recebi do poeta um presente extraordinário: dois pequenos livros de edição limitada. *Em Poemas avulsos*, com capa artesanal da Editora Vento Norte Cartonero, são 11 poemas inéditos e, em *Vinte e cinco poemas*, são “treze poemas não comprometidos”, pois os outros 12 são de Mariano Marovatto, com quem divide o pequeno volume. Em ambos, lá está ele, com o corpo fora do grande mercado editorial, fazendo sua aparição discreta, porém persistente. Persistente na poética e na ética. Como nos idos dos anos sessenta, permanece uma posição resoluta de não ser mercadoria apenas, ou mesmo jamais permitir que sua poesia pudesse ser obnubilada pelo “autor de sucesso”. Em *Poemas avulsos*, ele está de volta em uma edição artesanal, que segundo a explicação dos editores, faz parte de um projeto em que “todos os livros editados por Vento Norte Cartonero levam capas elaboradas a mão por uma equipe de colaboradores que recicla com tesouras, pinceis, tinta e muita criatividade o papelão recolhido nas ruas casas e comércios da cidade de Santa Maria”. Não que Francisco Alvim rejeite a possibilidade de ser editado por uma grande editora, mas, quando o faz, é sem alarde, sem que isso deixe de ser apenas um passo necessário para que os poemas possam caminhar por aí, serem lidos, relidos, revividos.

Com esses novos livros, além da genial condensação de “Quer ver?/ Escuta”, publicado em 2000, no *Elefante*, e “Não disse? Eu sabia”, em *O metro nenhum*, de 2011, acrescenta-se “Não me diga,/é mesmo?”, de *Poemas avulsos* e “No assunto/ Não toque/ Deixa que eles/ toquem”, de *Vinte e cinco poemas*, de 2015. Estratégias da fala, recursos reiterativos, indagações, fragmentos de conversa, expressões há muito naturalizadas e completamente adormecidas pelo hábito, são recortadas com a precisão de sempre. Retomamos aqui a análise de Roberto Schwarz, quando destaca que a matéria sobre a qual trabalha Francisco Alvim não é feita de palavras ou versos, mas de falas. A observação merece um pouco mais de atenção para que possamos dela extrair tudo que pode nos oferecer, porque na aparência há simplicidade, mas a operação não é assim fácil.

No século XIX, os românticos já sabiam que a mais autêntica criação brasileira da língua portuguesa se expressava na fala comum de todo o dia, aquela usada em todo canto, por toda a gente. A primeira experiência poética mais consistente (e também consciente e sistemática) aparece em Gonçalves Dias, que constrói os primeiros experimentos mais bem-sucedidos a partir da exploração da camada sonora, da prosódia, do léxico e do ritmo da realização brasileira da língua portuguesa, a tal ponto que seus versos foram incorporados na composição do hino nacional. E não é à toa que Manuel Bandeira irá publicar *Poesia e vida de Gonçalves Dias*. O interesse não é nem aleatório nem apenas laudatório. Há nos dois poetas uma pesquisa persistente em torno das possibilidades de exploração da musicalidade e expressividade da fala brasileira, de sua versificação e acentuação própria. No caso de Manuel Bandeira, seja nos seus primeiros anos ainda um tanto simbolista, seja nos experimentos modernistas ou na sua poesia dos últimos anos de vida, o resultado alcançado o coloca no mesmo lugar de grande poeta nacional. E também não será aleatória a escolha de Cacaso, ao dizer que “o poeta é um desentranhador, e o modelo melhor que temos é Manuel Bandeira” (BRITO, p. 306) justamente quando irá falar da poesia de Chico Alvim. Aqui o crítico se refere também ao trabalho de Bandeira em buscar nas coisas pequenas, nos fatos menores, no beco e na maçã sobre a mesa, a matéria-prima de seus versos. A revolta modernista radicaliza a experiência poética da fala e vai trazer a dessublimização, desconvencionalização, a descelebração, a desaturação da poesia. É a anti poesia, insubmissa, extraída dos fatos cotidianos, das cenas urbanas, da precariedade da existência, da fugacidade das coisas, do olhar simultâneo, do fragmento e do efêmero. Se olharmos nessa direção, a releitura de Bandeira (e de si mesmo) é quase um imperativo para Chico Alvim. A larga distância entre eles, apesar da vocação tão próxima, é posta em termos radicais na sua mais recente publicação:

Sapo velho

engolir-se

Olor de flores mortas
Umás poucas ainda resistem
anêmicas
acadêmicas
ideocêntricas

Chacoalhar de velhos ossos
em meio à dança (dos vivos?)

Dor da vaidade
suspirosa
invejosa

A vida que foi
não foi
(2015a, p.12)

As duas referências mais explícitas a Bandeira abrem e fecham o poema. No título, está em jogo uma de suas mais famosas criações, que longe de ser a melhor, ao menos é uma das mais frequentes em provas e vestibulares. O título “Sapo velho” remete ao bandeiríssimo poema satírico “Os Sapos”, de 1918, lido por Ronald de Carvalho e estrondosamente vaiado no Teatro Municipal de São Paulo em 1922. As redondilhas menores, construídas com pleno domínio da técnica que criticam, se tornaram símbolo de uma revolta, mas ao mesmo tempo, apontam para seus limites. A sugestiva epígrafe Engolir-se, para aqueles que são sapos velhos, remete à velha expressão popular de quem é obrigado a “engolir sapos”, ou seja, a ter uma conduta que contradiz suas próprias convicções. Para os sapos velhos, mesmo o cururu que veste o fardão, engolir-se é um destino? Restam-lhes apenas algumas poucas flores “anêmicas/ acadêmicas/ ideocêntricas”. Mas será nos dois últimos versos “A vida que foi/ não foi” que o destino do poeta da “vida inteira que podia ter sido e que não foi” é refeito em tom seco e inescapável. Porque aquilo que vivemos é inescapável e simplesmente integram o balanço de perdas e danos, e em Francisco Alvim, sem o efeito tranquilizador do pretérito imperfeito de Bandeira.

Portanto, embora estejamos diante de uma espécie de “linhagem” de poetas que se debruçaram sobre a fala, os fatos cotidianos, as coisas pequenas, a gente de todo tipo, é preciso acentuar que a questão posta em discussão pela poesia de Chico Alvim é a de que quando a fala vira poesia, há mais problema do que solução.

Os termos da revolta modernista vão muito além da busca por uma dicção/melodia da poesia brasileira iniciada pelo romantismo. O desconcerto entre o poeta e o mundo, entre arte e vida, desafiam o próprio fazer poético. O século XX intensifica a precariedade da experiência. É preciso voltar à vida, mas a vida é áspera e pouca. O otimismo da geração de 1920 cede espaço para as sucessivas derrotas em que o espaço “popular” é problematizado. É quando a poesia madura e fortemente mediada de Drummond se constitui num ponto alto da tradição literária brasileira.

A retomada dos impulsos modernistas esteve em disputa em nossa cena literária durante todo o século XX, seja na experiência concretista que recupera Oswald ou na romântica ida ao povo da geração do CPC da UNE, durante os anos de 1950/60. A dificuldade só cresce no período do regime de exceção, pós AI-5, com o recrudescimento da ditadura militar. São muitos que, como Francisco Alvim, retomam a experiência com a

poesia de extração da fala, da fala nossa de todo dia. Entretanto, seu rigor na construção formal e a perspicácia na escuta o afastam de qualquer experiência espontaneísta. Encontra-se nele a investigação poética sobre a aspereza da fala que se constrói na desigualdade da vida de cada um. A palavra falada é espaço de transgressão e criação popular, mas é também onde se estão acomodadas as perversidades sociais traduzidas em senso comum. Rudeza, solidão, abandono, miséria, tudo vai sendo tratado pela vida, as estratégias de sobrevivência que são decantadas em expressões conhecidas, naturalizadas e absorvidas sem dor. Essa é a matéria com que trabalha. Com uma acuidade rara, que demonstra forte agudeza na percepção, ele extrai os recortes de pequenas falas. Por isso, Chico Alvim é, no dizer de Cacaso, o poeta dos outros. Aquele que cede sua vez para dar voz ao que se faz silêncio naquilo que está sendo dito em todos os momentos. Trata-se de poesia também construída sobre matéria impura.

De todas as definições, aquela que penso ser a mais precisa é ainda de Roberto Schwarz, numa breve, porém muito sugestiva apresentação da antologia que reúne a poesia de Francisco Alvim de 1968 a 1988, em que o crítico aponta para a sua “convicção da fraqueza humana, assim como a ausência de presunção quanto à própria pessoa” ao deslocar-se entre os desastres da vida nacional, e aos diversos sujeitos a quem sua poesia dá voz, e o seu próprio sujeito lírico “veraz e nobre em sua vitória sobre o orgulho” (SCHWARZ, 1997). Ao mesmo tempo, ressoam em seus poemas não só Oswald, Drummond, mas Murilo Mendes e João Cabral. É como se quase um século de buscas estivessem decantadas em seus pequenos instantes. Sua escuta é sem metáforas, na busca de uma possibilidade mínima do gesto poético. Como se fosse uma escuta distraída, construída, entretanto, por uma rigorosa e bem dominada técnica de montagem de frases, sem nenhuma invenção metafórica. O próprio Chico define como se fosse uma “moviola sonora”, um trabalho feito de sons captados e não de imagens condensadas.

As experimentações com a cotidianidade e os poemas minimalistas são parte das experiências de toda uma geração, mas o que difere na sua produção é o fato de reunir tanto em tão pouco. Essa construção não é fruto de mero acaso, ou de uma recolha de falas espontâneas ouvidas aqui e ali. Embora a filiação oswaldiana fique explícita, também a diferença desta herança se acentua. O traço de peculiaridade que as falas adquirem estão despidas da leveza e do pitoresco que ainda atravessava a produção dos primeiros modernistas. Agora, a vida pequena e a realidade opressiva traduzem-se na fala conformista e dura hipocrisia que atravessa a justificativa dos poderosos de plantão. Esta “informalidade” estrutural dos poemas acompanha o compasso desigual que a solução informal oferece à vida brasileira.

No primeiro artigo que escrevi sobre a poesia de Chico Alvim, busquei destacar o conjunto de pequenos poemas que funcionam como instantâneos que desvelam, reorganizam e dão corpo ao movimento mais profundo de uma práxis social singularmente brasileira. Para isso, reuni-os numa única página, o que fez com que o efeito fosse ampliado e o desenho ficasse mais nítido.

No segundo, recortei as falas das mulheres. E em todas se percebe um acento sobre a liberdade humana, contra a banalização da existência e a reificação progressiva dos indivíduos nas sociedades contemporâneas. Em que pese a “universalidade” do tema, não se trata de um discurso posto em termo abstrato sobre a justiça e a igualdade. Nos embates cada vez mais acirrados das diversas correntes dos estudos feministas, falarmos de um homem branco, cis, hetero, formado na alta cultura europeia, diplomata de carreira, que escreve poemas em que o eu-lírico é feminino é uma grande provocação. Mas, e se o tal eu-lírico estiver radicalmente transformado num anti-eu-lírico? E se essa voz feminina desautorizar o próprio autor a falar em seu nome? É uma poesia que dá voz ao outro, mas não o coloniza. Trata-se de ceder a vez, ceder a voz, acompanhando a arguta crítica de Cacaso. A voz é feminina, mas não de todas as mulheres. Também não chega a se individualizar, não é a experiência de uma mulher em particular. A construção é indeterminada, a moldura poética não restringe, ela permite diversas interpretações, leituras, especulações. Mas há exatidão no encaixe social que elas permitem. “A peculiaridade que se expressa nela é menos do poeta que da própria formação social em funcionamento” (SCHWARZ, 2001).

Mas apesar de não serem individuadas, de estarem sem nome e sem lugar, as personagens estão lá e eles, os poemas, possuem a força das coisas vivas. E todos que vivem possuem história, porque existem no tempo. Entre todos os poemas, podemos encontrar a história dos trabalhadores, dos patrões, das prostitutas, das mulheres de classe média, enfim, de uma incrível galeria de personagens que povoam os livros de Chico Alvim, e que invadem aqui e ali, atravessam, ou apenas permanecem como pedras no caminho entre um poema e outro. Como as cartas embaralhadas de um jogo, gosto de lidar com elas porque é sempre possível desarrumá-las e recolocá-las em outro espaço, produzindo novos significados. Nesse emaranhado de falas, encontro uma personagem que pode ser uma criada, como a antológica Felicité de Flaubert, mas pode ser a tia solteira, a mãe dedicada. Enfim, a figura feminina cuja função primeira e última sempre foi a de cuidar da casa e da família. Penso naquelas senhorinhas mineiras, capazes de fazer um cafezinho maravilhoso para servir no fim da tarde, depois de manter toda a casa limpa e arrumada. O corpo ao mesmo tempo curvado e desgastado pelo tempo, mas que se mantém trabalhando e servindo, e “não vive, apenas aguenta”. Os poemas recortam, selecionam, reconstróem falas onde se misturam impotência e resignação diante das imposições do real e suas frustrações com a dignidade e a sabedoria de quem pode ser mais forte do que as tormentas que enfrentou durante a vida. Recolho os poemas em diversos livros, ajeito aqui e ali e ela está lá:

SERVIÇO

Lava a roupa Arruma a casa Faz o almoço (2004, p. 92)

OBRIGAÇÃO

Não é questão de gostar
É de ter de ser
(2015a, p. 2015)

TE CONTAR

Dorzinha enjoada
Ela começa perco a graça
Dói aí e dói aqui
Dorzinha chata
(2004, p.37)

TREMURA

Quis passar tudo
na mesma tarde
Ah é porque fez
sol
a roupa secou
Minha mãe
a vida é sua
você faz dela
o
que quiser
Você chegou?
está aí?

quase
Não me encontrava viva
(2011, p.18)

NÃO É NADA

São as pernas
Que estão se acabando
(2004, p. 111)

OBRIGAÇÃO

A gente tem é que se acostumar
(2015a, p.26)

VOU E VOLTO

Não vai
Não vai
que você não vai
voltar
(2015a, p.27)

MUITO ÓTIMO

veio o homem
falou pra mim
pra mim
deitar no chão
dormir
dormir
que amanhã vou ser atendida
na meia-noite
(2011, p.16)

?

quando eu morrer
quem vai tomar conta
(2015a, p.10)

UM CHURRASCO

Não foi desmarcado
Ela já estava muito velhinha
e muito doentinha
(2011, p. 43)

TERÇO

Foi dela
Era tida como uma santa
Com quem fica?
(2011, p.37)

A vida que foi, a que foi, mas não deveria ter sido e aquela dor da gente que não sai no jornal, todas juntas vão compondo um quadro que resiste a qualquer sentimentalismo. Ironia, sutileza, inteligência. Estamos próximos a entrar na segunda década do século XXI e a poesia de Francisco Alvim parece guardar todo o seu frescor e vitalidade. Insistindo na construção rigorosa e na desconvenção da linguagem poética, persistindo em manter-se preso à vida, cedendo a voz e recusando-se a oferecer um caminho para a salvação, seja de si, do mundo ou da poesia, a coerência de sua trajetória se destaca no fundo cinza do ambiente regressivo em que vivemos. Encontro uma palavra capaz de definir sua obra: necessária, cada vez mais, necessária.

Referências

ALVIM, F. *Poemas 1968-2000*. Rio de Janeiro: 7Letras/COSACNAIFY, 2004.

_____. *O metro nenhum – Poemas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. *Poemas avulsos*. Santa Maria: Vento Norte/Cartoneiro, ex. 87/150, 2015a.

_____; MAROVATTO, Mariano. *Vinte e cinco poemas*. São Paulo: Luna Parque, 2015b

SCHWARZ, Roberto. “No país do elefante”. Caderno Mais!, *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 10 de março de 2002.

_____. “Orelha para Francisco Alvim”. *Seqüências brasileiras: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ZILLER, Eleonora. “Um pouco mais da poesia de Francisco Alvim”. In: ALVES, Luis Alberto Nogueira. *A formação em perspectiva: ensaios de literatura, cultura e sociedade*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2014.

Recebido em: 30/09/2017

Aceito para publicação em: 01/12/2017